

A ABELHA

SEMANARIO DE INSTRUCCÃO
SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO

ALBANO COELHO || PUBLICA-SE AOS DOMINGOS || D. C. SOTTO MAYOR

COLLABORADORES:

Alfredo Campos;—Antonio Fogaça;—Antônio Figueiredo;—Arthur Soares;—Basilio Caldas;—Carlos Braga;—Eugenio de Castro;—Firmão Pereira;—Gonçalo Sampaio;—Hippolito Mayas;—João Penha;—José Simões Dias;—Jayme Filinto;—Miguel Sotillo-Mayer (D.);—Marianna Coelho (D.);—Nuno Rangel;—Pereira Caldas;—Sebastião Pereira da Cunha;—Santos Mello;—Trindade Coelho;—Teófilo C. e'lio;—Teófilo Labato;—Vicente Novas, etc., etc.

A GRANDE PÝRAMIDE DO EGYPTO

No seculo passado, o celebre astrónomo francez, Bailly, notando o abundante peculio de verdades scientificas encerrado nas tradições dos antigos povos, imaginou outro povo ainda mais antigo, vivendo em epocha e lugar indeterminados, e d'elle fez derivar todos esses admiraveis conhecimentos.

Esta opinião não agradou a outro astrónomo tambem muito notavel, Delambre, que lhe oppôz um amplo receaseamento dos erros, em que laboravam os astrónomos da antiguidade.

Evidentemente Delambre sahio fóra da questão; porquanto Bailly não negava esses erros; mas affirmava apenas que, de envolta com elles se encontravam conhecimentos reconditos e tanto mais para maravilhar, quanto era certo que os possuíam homens incapazes de os haverem descoberto per si-mesmos.

Mais modernamente os estudos feitos sobre os trez povos mais notaveis da antiguidade—chaldeus, egypcios e chinezes—teem vindo revelar-nos a existencia de uma sciencia primitiva, que com o andar dos tempos veio degenerando e deturpando-se com a mistura de grosseiros erros. Facto é este, que deixa em muito má posição a hypothese racionalista da barbarie primitiva do genero humano e do progresso necessario da sciencia.

Pondo de parte outros testemunhos abonatorios do que acima fica dicto, limitar-nos-hemos apenas a um, que é relevantissimo.

Queremos fallar da maravilhosa pyramide de Cheops, que tem sido, nos nossos dias, objecto de tão aturados e interessantes estudos. (1)

A perfeita orientação dos seus lados, a exactidão dos seus angulos rectos, qual poderiam obtê-la hoje os mais perfeitos instrumentos mathematicos, as relações entre as suas superficies, que por modo algum se pôde suppôr que fossem fortuitas, são outras tantas provas de uma cultura scientifica maravilhosa e muitissimo superior á das edades posteriores.

E ha mais ainda. O astrónomo Piazz Smith, da Real Sociedade de Londres, e com elle outros sabios, que se teem proposto analysar

(1) Segundo os calculos mais bem fundados a sua fundação remonta a 2170 annos antes da nossa era.

os elementos mathematicos, tanto d'aquella pyramide como de algumas das suas partes especialmente notaveis, ficaram assombrados em face da expressão de um crescido numero de verdades astronomicas, algumas das quaes são consideradas hoje como descobertas recentes da astronomia moderna; por exemplo: o raio da terra, o seu vo'ume, o seu peso, a sua distancia do sol, etc., etc.

O douto mathematico Moigno e o insigne P. Secchi, admittido como irrefutaveis as conclusões de Piazz Smith, julgavam impossivel attribuir todas aquellas combinações ao mero acaso, especialmente notando-se as indubitaveis provas de aptidão scientifica, que se revelam na propria estrutura d'aquelle monumento mysterioso.

A pyramide de Cheops não era, como as que se construíram depois, um monumento funerario. O sepulchro do seu fundador foi construido n'outra parte, e com architectura propria. A entrada da grande pyramide estava fechada desde o acabamento da sua construção. A tradição dos sacerdotes egypcios dizia que Cheops havia fechado os templos dos deuses, e prohibido o seu culto. Conservava tambem a memoria de um certo *Filiti*, que no tempo de Cheops *apascitava no Egypto os seus rebanhos*. Esta linguagem deixa-nos addinhar em Filiti um patriarcha biblico, pastor como Abrahão e Jacob; o qual convenceria, ou confirmaria a Cheops no culto do Deus unico, e que seria o architecto da grande pyramide, levantada como monumento religioso, e ao mesmo tempo como expressão da sciencia astronomica e mathematica primitiva. Pode ainda conjecturar-se, pela similhaça dos nomes, que Filiti fosse o Phaleg do Genesis, bisneto de Sem, o qual existia no tempo em que teve lugar a divisão da terra. (1)

Ponhamos, porem, de parte estas conjecturas, muito menos arrojadas por certo do que algumas das que modernamente se teem querem incampar como importantes aquisições da sciencia, e concluamos que a existencia de uma cultura scientifica, especialmente astronomica e mathematica, assás perfeita, e muito ante-

(1) Genesis, cap. X, vers. 25.

rior aos primordios das mais antigas nações civilizadas, é um facto demonstrado até a evidencia pelos monumentos profanos, independente de toda a polemica religiosa.

Ora este facto, de per-si e pelas suas circumstancias, não só importa um solemne desmentido ás arbitrarías hypothèses racionalistas acerca da primitiva historia do homem, mas também confirma luminosamente a série das primeiras narrações do livro mais antigo, do livro por excellencia — a Biblia.

Philon,

O DILUVIO

Quarenta noites e quarenta dias,
—Segundo nos ensina a Biblia Santa—
Choveu seguidamente, e chuva tanta
Que encobriu as mais altas penedias.

Que scenas de terror, que de agonias!
Narral-as tão sómente, assombra, espanta,
E a lembrança o espirito quebranta,
Apavorando as doidas alegrias!

Apenas fluctuava sobre as aguas
Noé e os seus, abrindo o peito ás maguas,
Senão os homens todos merreariam

E não escaparia um só mesquinho.
Mas, se a chuva de então fôra de vinho
Noé e os seus também se afogariam.

Vicente Novaes.

PARALLELO

O Christo, o bom, o santo sonhador,
quando fitou o seu olhar de amor
no Lasaro já morto
e lhe deu vida... o seu olhar infinito,
tal como o teu, devia ser bendito
e cheio de conforto.

Porque, ó bella e peregrina fada!
se, quando morto, á minha fria ossada
volvesses um olhar,
eu revolvera a minha cova escura,
viera ainda lá da sepultura...
sómente p'ra te amar.

Braga, 25-9-85.

Albano Coelho.

O GALLO

João era um rapaz dos seus oito annos. Egragaço, mesmo bonito. Um pouco traquinas, mas bom rapaz, no fim de contas.

Entre os companheiros da escola era apontado como um heroe.

Ninguém como elle sabia fazer tão depressa uma conta de *repartir*, dizia o pedagogo.

E isto fazia nascer no rapaz uma especie de vaidade arrogante.

Impunha-se no meio d'aquella legião doirada de rapazes, para quem a vida é um problema facil, um ceu phantasiado, onde fulgura, n'uma caricia de mel, a alegria multicolor, com o seu regimento de fadas e o seu carro triumphal de pequeninos ideaes.

Boa idade! boa idade!

E tinha *pose* o diabrete. Isso era vel-o alli, nas sabatinas, (única occasião em que era mau) curvando o abdomen, assim como qualquer titular pançudo, de fresca data, e estendendo o braço com aquella desenvoltura artistica d'um prestimano, para applicar duas palmatoadas na mão imberbe e tremula do seu *defendente* — um homem em perspectiva.

Era um Nero de oito annos.

A sua mania constante, a sua ambição predilecta era possuir um gallo mas um gallo grande, que cantasse bem, que fosse elegante assim como elle; um gallo, enfim, que sustentasse briosamente uma lucta renhida com o primeiro adversario encristado que lhe apparecesse.

Um dia, o mestre fallara com o papá.

O mestre — o snr. mestre — como lhe chamavam na terra, era um d'estes velhotes bonacheirões, muito estupidos, mas pretenciosos e um pouco idiotas, que levam a vida a ensinar meninos, fazendo da escola uma Inquisição, onde são instrumentos da tortura: as mãos e as orelhas dos ditos. No fim de tudo: uns pobres diabos, com aspirações a... um pacote do *meio grosso*.

— Que era um bom *estudante*, dizia; por signal que nenhum lhe levava a palma na leitura do *classico* Salomonde e nas contas de *repartir*.

O pae, o snr. morgado, que era um fanatico em questões de amor-filial, sentia-se crescer um bom palmo, quando ouvia aquellas coisas.

— Diabo! o rapaz tem habilidade...

«Pois deixa estar que... eu hei-dê comprar-lhe uma prenda, uma prenda bonita. Que elle ha-de gostar, eu sei.

×

O rapazito era o *bijou* querido da casa — o Joãozinho. Também não admirava: era o mais novo...

Andava contente o pae. Um dia que elle chegava da escola e poisava em cima da meza a saqueta dos livros, chamou-o.

— Anda cá, Joãozinho. Diz-me cá: — que davas tu a quem te dêsse agora uma prenda, uma prenda boa, d'essas de encher o olho?...

— Eu!... Dava-lhe o meu relógio amarello, as minhas botas novas, a bengala que me comprou a tia Olivia, e...

— E se fosse eu?...

O rapazito trepou-lhe pelas pernas acima, afagou-lhe as barbas, e a resposta que lhe deu foi muito beijo, uns beijos prolongados, sem artificio, uns beijos encantadores, como elle.

— Ora dize-me: tu queres um carro, puxado a duas parelhas de cavallos brancos, um general grande, com espada e dragonas amarellas, ou uma arma?... Vê lá...

E o João fingindo pensar um bocado:

— Eu quero um gallo. Um gallo grande — disse elle, em modos imperativos.

— Pois bem. Terás um gallo...

Imagine-se o que não vai fazer agora aquelle grande estroina, ao vêr-se proprietario — elle que é um ninguém — d'um gallo de cristas vermelhas e...

o lacre, empavonado, gordo, grande, muito grande e elegante, assim como elle!...

Nem elle sabia, até alli, o que era a felicidade, a suprema felicidade.

Elle... possuidor d'um gallo! Era vel-o!

Agora era elle um rei pequeno.

E ai d'aquelle que ousasse tocar, mesmo de leve, que fosse, no seu novo companheiro! Rachava-o! pedradas, unhada valente e improperios feios não faltariam.

Mimos que a mãe lhe dêsse, não deixava de participar d'elles aquelle felisão, o maroto do gallo—um dos seus queridos commensaes.

×

Corria o mez de janeiro, chuvoso, e frio como um carrasco.

Lá fóra—um verdadeiro gèlo—dizia-se na rua. Podia-se lá aturar!? Aquillo nem era tempo: era o diabo!—clamavam em tom d'imprecação fulva, irritada, as velhotas de cara angulosa e encarquilhada que moravam no predio de frente.

—Que nunca lembrava um frio assim! «Qual historia! dizia uma, já cá estão sessenta, bem puchados e não é da minha lembrança um *chiasco* como este, capaz de fazer arripiar, até, as pedras d'um forno.

—Coisa assim...

Em casa do morgado havia um certo silencio communicativo e respeitoso.

A sala deserta. Na cosinha, desbulhavam-se as batatas e ia-se lançando o caldo verde, ao calor fortificante e abençoado da lareira. Era chegada a hora da refeição nocturna.

—O João?... Que é do Joãozinho?

Estava a meza posta.

—Hade estar no quarto... Elle veio para ahi, todo alagado, a tremer com frio: mettia pena.

—Não tornes a deixar ir o pequeno para a escola, por um dia d'estes.

«Isto é lá dia, para sair!?!»

«Olha, Maricas, dizia o morgado, tu serás muito zelosa no amanho da tua casa, mas, pelo que vejo, parece que não tens caridade nenhuma...?!»

«Ora... ora... Deixar sair o rapaz com este tempo!... nem de proposito!...»

—Que queres?... elle parece que estala se não vae á escola...

—Qual quê?... tem muito tempo de aprender... dizia elle, já meio zangado.

—Olha que o rapaz tem andado hoje muito triste. Extranho o tanto... Aquillo é coisa... Lá foi alguma pirraça que lhe fizeram... não sei. O que te digo é que o pequeno teve algum desgosto...

«Já o tenho encontrado a chorar: pergunto lhe o que tem e só me responde: «Não é nada, mamã...»

—João!

.....
Ouve-se apenas o estalar da chuva na calçada e as modulações soturnas e desesperadas do vento.

—O' Joãozinho!

.....
—Isto quem tem canalha... resmungava o morgado.

—Estará na varanda... interpunha, em voz de flautim, a Luiza—uma mocetona de vinte annos, alagada de carnes palpitantes e asperas, que de manga arregaçada ia servindo á meza.

—E no quintal?... dizia a tia Olivia.

—Vejamos. Póde ser...

Chovia, se Deus a dava.

—Que é isto?!... Esta agora!...

«Que diabo fazes tu, aqui, João?!...»

«Ora isto, isto...»

«Foge d'ahi, pateta, que te molhas todo! Anda ceiar...»

×

.....
Uma noite tempestuosa. Não se via no ceu o menor traço de claridade. Tudo parecia conspirar-se contra o socego da aldeia. Aqui era um telhado arrombado ao peso da chuva. Acolá, era um portal que a força poderosa da ventania arrancava. Mais além, uma arvore, que caía prostrada no chão, exanimé, soluçante. Um horror!

Noite profundamente tenebrosa e triste.

O João, que tinha chorado lagrymas pungentissimas de dor e saudade, ao pé do companheiro estremecido—esse gallo valente, que elle tanto amara, e a quem tão sceleradamente tinham arrancado a vida—ia subindo a escada, verdadeiramente contristado, afflicto. O gallo... o seu querido gallo... morto!...

.....
Ia subindo. E ao approximar-se o momento doloroso da despedida, volveu ao céu um olhar, mixto de cholera e de piedade, e exclamou:

—Malvados!

.....
Sabrosa—85—

Teixeira Coelho.

SONETO

Que seria da mim, n'esta anciedade,
Sem a taça que os animos alenta,
Que nos transporta em dia de tormenta
Para longe da triste realidade!

Essa mulher gentil, que, sem piedade,
Por mim fingira uma paixão violenta,
Ri-se agora do amor que me atormente,
Ri-se ha muito da minha ingenuidade.

Podia, modelando-me no Othello,
Ou no Sire feroz que a trova canta,
Tirar-lhe a vida a golpes de cutelo;

Mas, em lugar de sangue e furia tanta,
Derramemos n'esta alma o licôr bello,
Que de pámpano bróta e a vida encanta.

João Penha.

(C. N)

O ramo que me dèste hontem no baile
guardei-o bem escondido no meu peito,
mas depois d'uns momentos, que passaram,
—quiz vel-o, procurei-o, era desfeito.

Assim é o amor que ás vezes eu penso,
no volúvel coração por ti sentir,
mas depois d'alguns dias que se passam,
em logar d'aumentar—ponho-me a rir.

Ancède, 22—9—85.

D. C. Sotto Mayor.

IMPRECAÇÃO

Quando eu sonhei na minha phantasia
A tua imagem bella e carinhosa
Formei um ceu que ao longe me surgia
N'um horisonte bello, còr de rosa.

Mas depois que eu sondei n'esse teu peito
O coração que tens, pomba que adoro,
Vi o meu sonho bello emfim desfeito
E hoje se te amo... também choro.

Porque tu que me juras muito amor
Na tua voz deliciosa e vaga,
Dás-me ao mesmo tempo ancias de dor
N'essa tua frieza que me esmaga.

Queria-te ver n'uma paixão ardente
N'um dilúvio d'affagos virginaes,
Fallar do nosso amor tão loucamente
Como falla a meiguice dos meus ais.

Setembro de 85.

Arthur Soares.

CALINADAS

—O seu marido é caçador? —perguntaram
a senhora X...

—E', respondeu ella; mas tão dezastrado
que estou sempre com receio de que a sua es-
pingarda rebente... com riso.

×

Fragmento d'um dialogo feminino em uma
soirée:

—Não é a sua amiga V. que está dansando
lá ao fundo, em frente de nós? Que vestido tão
mal feito!

—Horriavelmente, minha querida; mas se
estivesse bem feito, como lhe ficaria elle!...

×

N'uma estação de trens d'aluguer:

Um bom burguez, com sua mulher olham
para o numero da carruagem em que vão entrar.

—49!... Olha, é a tua idade, diz elle vol-
tando-se para a cara metade.

—Estupido!

O marido, com ar consternado:

—Socega filha, não te zangues... Direi o
mesmo a primeira vez que nos tocar o n.º 29.

×

Grande baile, ás duas da manhã.

Uma dama, excessivamente decotada, a uma
das suas amigas, ao levantar-se para se retirar:

—Bõa noute, queridinha, são horas da gen-
te se ir despir.

—Ainda mais! responde a amiga.

Abelha Mestra.

LOGOGRIPO

(A MEU PRIMO, ALBANO COELHO)

Minha còr amarellada—3, 4, 8

Forma-se d'um vegetal;—2, 3, 4, 8

No convento procurada,—4, 5, 7, 6, 8

E até nas flores do valle.—1, 5.

Um reptil assim chamado,—2, 5, 6, 8

Feito de certo metal,—8, 2, 3

Vae ser n'um jogo encontrado:—1, 5, 7, 7, 8

Mais além não fica mal.—6, 8

Nas grandes luctas da vida
Quer na terra, quer no mar,
Indomavel, destemida,
Eu não sou p'ra desejar.

Sabrosa—85.

Marianna Coelho.

CHARADAS

EM VERSO

Em uma rua de Braga,
mudada a vogal do fim—2
encontrei certo sujeito,
heresiarcha ruim—2

Quando tentava alcançal-o
Sumiu-se não sei aonde:
ficando apenas um nome
d'homem, e um certo visconde.

NOVISSIMAS

1.ª—Na China, no campo e na cosinha.—1—2

2.ª—Em todas as gerações causa tristeza este
bosque.—3—1.

Sabrosa—85.

Marianna Coelho.

Decifração do *enigma* do numero antecede-
dente:—*Mar-mo-ta*. Das charadas *novissimas*:—

1.ª—*Corolla-rio*; 2.ª—*Res-pi-ração*; 3.ª—*Frigi-
dei-ra*; 4.ª—*Lo-neta*; 5.ª—*Nera-do*; 6.ª—*Mel-
rosa-do*.

EXPEDIENTE

Aos nossos assignantes das provincias pedimos o
obsequio de nos enviarem a importancia das suas as-
signaturas.

Assignatura: Em Braga, por mez (4 n.º) 120 reis;

Provincias: anno (48 numeros) 1\$300; semestre
(24 numeros) 700; trimestre (12 numeros) 400 reis.

A administração da *Abelha* é na rua Nova de
Sousa, 4—Braga.